

DEVIR-MULHER COMO DIFERENÇA

Inês Bueno Krahe¹
Sônia Regina da Luz Matos

Abstract

The work that we present for this event is part of the Center of Education at the University of Caxias do Sul, in the context of the research called the Education of Difference. We understand the difference as a philosophical concept clipping authors Deleuze (1925-1995) and Nietzsche (1844-1900). The difference being worked to the deconstruction of the production of meaning produced in modern times, we emphasize the difference as the possibility of estrangement and territorial control in the production of meanings naturalized in human existence. From this perspective, our research group is investigating the concept of woman in this thought of the difference. To analyze this conceptual context, we organized a research project to understand the concept of women according to Nietzsche.

Resumo

O trabalho que apresentamos para este evento faz parte do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul, no contexto da linha de pesquisa denominada de Educação da Diferença. Entendemos a diferença como um recorte conceitual filosófico dos autores DELEUZE (1925-1995) e NIETZSCHE (1844-1900). Sendo a diferença colocada nas desconstruções das produções de significados produzidos na modernidade; enfatizamos a diferença como possibilidade de estranhamento e de território de luta nas produções de significados naturalizadoras na existência humana. Partindo desta perspectiva, nosso grupo de pesquisa encontra-se investigando o conceito de mulher dentro deste pensamento da diferença. Para analisar este contexto conceitual, organizamos um projeto de pesquisa para compreender o ideia de mulher nas obras do autor Nietzsche.

Palavras-chave: diferença, devir-mulher, Nietzsche

Um pouco de Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu na Alemanha, na metade do século XIX, e veio a falecer em 1900, vivendo cerca de 56 anos. O cenário por ele vivido foi a industrialização mecanizada, a valorização das do cientificismo positivista, assim, publicar suas obras nesta época era difícil porque diziam que ele não era sistemático como a Ciência positivista. Alguns autores na atualidade chegam a afirmar que ele não foi compreendido no seu tempo. Hoje são muitos os comentadores e estudiosos da obra deste filósofo. Os principais escritos deixados são¹: Nascimento da tragédia (1872); Humano demasiado humano (1878); Gaia ciência (1882); Assim falou Zarathustra (1883 a 1885); Para além do bem e do mal (1886); Genealogia da moral (publicado em 1887); Anticristo (1888 e publicado em 1895); Crepúsculo dos ídolos (1888); Ecco homo (publicado em 1889); Ditirambos de Dionísio (1888 publicado em 1900); também temos outros livros que foram editados após sua morte e que são atravessados da polêmica de alterações na autoria dos escritos, são eles: A minha irmã e eu (1889) e Vontade de poder (1901). Cabe ainda acrescentar nesta lista, como obra deste autor, uma publicação póstuma, com as cartas que ele escrevia. Essas correspondências encontram-se no livro: Despojos de uma tragédia (1944).

Diante destas obras fomos nos debruçando para o foco de nossa pesquisa, porém as muitas inquietações neste estudo foram acontecendo, embora elas não apareçam aqui. Mas diante deste pouco de Nietzsche mergulhamos em outras perguntas pedagógicas e humanas demasiadas humanas, como esta: “Nesse ponto já não é mais possível se desviar da verdadeira resposta para a pergunta como a gente se torna o que a gente é²”. Essa nota de rodapé não deve estar ao fim da citação?

Encontro com Nietzsche

Esse encontro com a obra deste autor, não foi somente um encontro de pesquisa, mas um encontro de intensidades e de buscas por muitas perguntas. Passamos, com este encontro, a trazer dados para essa pesquisa, consultamos vários sites, artigos e grupos de pesquisa sobre este autor. Encontramos muitos dados sobre a questão da mulher na obra do Nietzsche com a ênfase psicológica, psicanalítica e até biográfica da vida do autor com relação aos traumas com a mãe e a irmã. Porém, esta linha de pesquisa não entende que esta vasta obra de tantas complexidades, seja reduzida aos parâmetros dessas ideias simplistas, das quais o próprio autor criticava e denunciava. Trazer a questão da mulher em Nietzsche, por meio da teoria da diferença, é um desafio para este

1 Todos estes dados com as datas dos livros e suas publicações estão disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Livros_de_Friedrich_Nietzsche. Acesso em 25 de jan. 2010.

2 Nietzsche (2003, p.66)

grupo de pesquisa, pois temos rastreado a tese de que Nietzsche não era machista, nem feminista, pois anunciava a necessidade de estar nômade. Ele olhava para a ideia de mulher para além do contexto binário sexista de sua época, século XIX, perto da virada do século XX. Séculos estes marcados pelo movimento urbano, industrial e a guerra Franco-prussiana. Este contexto histórico e político era parte das constantes críticas nietzschianas sobre a humanidade, sobre o homem e como também as ideias do cristianismo, tendo a moral cristã como foco de crítica.

Ao vincularmos este tema na perspectiva da Educação da Diferença, passamos a procurar outras investigações sobre esta temática neste mesmo foco conceitual. E encontramos poucos estudos sobre o tema a mulher na teoria da diferença. Talvez, aqui seja um argumento motivador de darmos continuidade neste estudo, não só pelo encontro com a obra deste autor como também, pela curiosidade teórica de nossa linha de pesquisa.

Localizamos produções sobre Nietzsche no Grupo de Estudos Nietzsche, fundado em 1996, que organiza publicações anuais denominada como: Cadernos Nietzsche. Neste grupo, do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, há um conjunto de publicações: são 25 cadernos sobre uma variedade dos conceitos deste autor; dos 25 cadernos, apenas um (1) artigo foi encontrado sobre a temática mulher, com seguinte título: *Emancipação da mulher*³. Este artigo tem o foco conceitual em outra proposta teórica que não a do pensamento da diferença. Podemos fazer uma afirmativa que se neste renomado grupo o tema mulher dentro da teoria de Nietzsche é pouco discutido, por conseguinte há poucas publicações.

O que encontramos com o pensamento da diferença em relação aos estudos sobre mulher em Nietzsche e Derrida⁴, estes fizeram o descolamento da mulher do lugar binário em que ela foi depositada, como uma garantia da sociedade falocêntrica, com uma abordagem psicologizante. Então, percebemos que na área da educação temos, alguns poucos estudos sobre este foco de pesquisa da diferença dentro deste tema. Portanto, reafirmamos o rumo deste estudo como potencializador da diferença como: diferença que produz diferença, e não a diferença depositada num pensamento dual e binário, do jogo da semelhança.

Para qualificar este encontro com a teoria da diferença e a ideia de mulher em Nietzsche, buscamos metodologicamente um estudo conceitual em toda a obra do autor Nietzsche, inclusive nas obras póstumas, no diário e nas cartas de correspondências. Esta busca acontece por meio da pergunta: *qual a ideia de mulher que Nietzsche nos remete?* Assim, passamos a digitalizar e analisar excertos da obra dele. Digitalizamos cerca de 300 falas sobre mulher e feminino. Estes

3 MARESCA, Silvio Juan. CADERNOS NIETZSCHE. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nº 11, p.107-111, 2001.

4 SILVA (2004) Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mulheresdederrida.pdf>. Acesso em 12 de nov. de 2009. Jacques Derrida na EHESS. Disponível em http://www.unicamp.br/iel/traduzirderrida/Ecole_2002.htm. Acesso 15 de jan. 2010.

excertos digitalizados foram os mediadores para analisar o pensamento deste autor. Entendo a palavra *análise*, como uma forma de desmanchar, desfazer uma trama discursiva sobre a ideia de mulher dentro da perspectiva binária e sexista. Questão essa que estava sendo submetida à força das definições positivista e iluminista, no contexto essencialista de identidade. Colocando o lugar de pertencimento da mulher dentro do discurso iluminista: liberdade, fraternidade e igualdade. Discurso esse que o autor anunciava como perigoso, pois todo discurso de massificação, que se torna pensamento majoritário mata a diferença.

A Ciência positivista, “masculinizada”, mantém uma relação de domínio, controle sobre o discurso identitário do que é ser mulher. Essa posição de Ciência tenta retirar da mulher o espaço de estranhamento, do corpo sensível que percebe o fugidivo à essa realidade identitária dada,. Assim, o autor alertava que a força da mulher pode ser opositora a questão da verdade produzida pela ideia de ciência masculinizada. A tese se encaminha para a questão de que o autor percebia que se os movimentos feministas, da época, continuassem a buscar os direitos de igualdade, e que para ter essa igualdade, a mulher mataria a diferença porque se deixaria capturar pelo padrão identitário do que é ser uma mulher, em moldes feministas.

Acreditamos que seus escritos sobre mulher foram feitos em seus aforismos, metáforas, ditirambos e analogias como uma forma de afronto a ideia de igualdade que é um grande perigo para o pensamento da diferença. Pois, a ideia de mulher que busca a igualdade no direitos dos homens, pode matar sua diferença, isto é, sua singularidade. O sexismo binário pode ser rompido para além do efeito masculino e feminino. Estes sexismos estancam o movimento, pois vivem dentro das teorias da ciência majoritária, da ciência política das identidades, portanto reforçando a essência.

Ele apontava que a política de identidade reduz a diferença sexual em dois pólos, masculino e feminino, ou seja, reduz ao pensamento binário e dialético da ciência majoritária. Ciência essa denunciada por Nietzsche como a ciência que produz a doença humana. Então, nos vemos na atualidade com a seguinte inquietação: *Como sair dessa relação binária e compreendermos as diferenças a partir do alerta sobre a ideia de mulher que Nietzsche anunciava?*

Devir-mulher

Para olhar essa inquietação e problematização necessitamos ampliar os estudos junto ao filósofo Deleuze. Ele, também inspirado em Nietzsche, pensa a teoria da diferença. A filosofia que nos faz olhar essa questão é parte da filosofia contemporânea francesa.

Deleuze em algumas de suas obras conceitua a ideia de devir-mulher. Conceito esse que não faz parte dos manuais das teorias feministas e de gênero. Este conceito não tem haver com a ideia

de sexismo binário que encontramos nas teorias do multiculturalismo. Pois foi isso que nos levou a este conceito. Ele nos aproximava de algumas falas Nietzscheanas sobre mulher deslocando o conceito devir-mulher para pensá-lo na diferença.

Para trazermos as contribuições do conceito devir-mulher para a pesquisa, nos foi necessário compreender que este devir é um conceito filosófico que está atrelado a ideia de mudança constante, deixar-se estar nômade.

Este conceito está para o filósofo Heráclito e seus seguidores que se encontra o possível surgimento deste conceito. Na filosofia de Heráclito o *devir* é exemplificado pelas águas de um rio, que continua o mesmo, a despeito de suas águas continuamente mudarem: O mesmo homem não pode atravessar o mesmo rio, porque o homem de ontem não é o mesmo homem, nem o rio de ontem é o mesmo de hoje. Tudo que existe é conduzido pelo fluxo. (MARCONDES e JAPIASSÚ, 1996). Este conceito também vai ser percebido na obra Nietzscheana, onde o devir é um tornar-se em movimentos *continuum*.

No polêmico⁵ livro de Nietzsche a Vontade de poder (2008, p. 358) retiramos a seguinte fala: “Devir entendido como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade... Devir como um estado de variação”, ou seja, de fluidez constante, não havendo espaço para o fixo, o cristalizado, o estático. Assim essa disposição ao inacabado é a possibilidade da invenção de novas formas. Por conseguinte, Devir é estabelecer uma linha de aproximação com aquilo com o qual devimos, é uma dupla captura, na qual cada uma das formas que são aproximadas são simultaneamente arrastadas para longe de suas essências.

Devir é rizoma, é contágio (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.19). Devir não se opõe a uma forma, não quer atingir a forma definitiva, nunca se conclui numa forma; nunca atinge, nunca concretiza a forma para qual tende. Se digo mulher, homem, animal, falo de formas; refiro-me a alianças efetivas com as políticas de identidade e gênero para a constituição dessas formas. Mas se digo devir-mulher, devir-animal, são tendências de um ser que flui, constituindo com os outros alianças afetivas, as rizomáticas, que fazem sempre escapar das políticas de identidade. Esse escapar pode ser entendido como as lascas da mascara-realidade dita em Rolnik e Guattari (1989).

Os devires: devir-animal, devir-mulher, devir-invisível, devir-molécula etc., são linhas de fuga que desfazem as essências e as significações em proveito de uma matéria mais intensiva onde se movimentam os afetos.

5 Este livro é uma coletânea de textos, encontrados em uma variedade de textos do autor. A primeira edição desta coletânea surgiu em 1901, logo após a morte do autor(1900). Desta edição constam 483 fragmentos. Já na segunda edição em 1906, encontramos 1.067 fragmentos de textos. Este livro foi organizado por Elizabeth Förster-Nietzsche (parte 2 e 4), a irmã do filósofo, tornando-se polêmico por isso. Pois alguns comentadores falam que alguns destes textos de Nietzsche foram alterados por ela. A outra parte do livro (1 e 3) foi organizada por seu amigo Peter Gast de acordo com um plano de Nietzsche, datado de 17 de março de 1887. (FOGEL, 2008).

Ultrapassar um limiar atingir um *continuum* de intensidades que não valem mais do que por elas mesmas, encontrar um mundo de intensidades rizomáticas, onde todas as formas se desfazem em proveito de uma matéria não formada de fluxos desterritorializados⁶, de signos assignificantes. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 20).

Por isso o devir-mulher é a possibilidade de não fazer parte dos jogos essencialistas de identidades formadas pelas políticas determinantes do multiculturalismo e das políticas de gênero e sexualidade. Pois o devir-mulher traz a possibilidade de fluir nos signos assignificados, isto é, produzir novas subjetividades ainda não capturadas pela forma de existir do capitalismo consumista, da moral cristã e do pensamento globalizador de massa.

Então não se trata de falar feminismo ou machismo neste estudo de Nietzsche. Trata-se de trazer para arena de significações a ideia de mulher por meio de um devir-mulher. Não a trajetória da mulher e do homem, do sexismo. Trata-se de por nesta roda a invenção do cotidiano e da vida.

O devir-mulher, não flui somente na mulher. Contudo, seria ingênuo pretendermos associar o devir-mulher exclusivamente às mulheres, o que pretendemos chamar atenção é para a potência de afecção, para a potência de criar vida que existe em todos os corpos, independentemente do seu gênero masculino ou feminino, e assinalar, que no caso das mulheres, esta potência, por força das circunstâncias sócio-culturais majoritárias do discurso falocêntrico e homeinizador, fez um efeito de ser altamente estimulador da intensificada do outro, não falocêntrico, não macho, não masculino, não cientificamente positivista, não verdadeiro, não cristão.

O devir-mulher como forças pequenas, não majoritárias? O que significaria isto? Penso que Nietzsche já falava disso em algumas de suas obras quando fez essa afirmação: “O terceiro sexo – Um homem pequeno é um paradoxo, mas pelo menos um homem. No entanto as mulheres pequenas me parecem de um outro sexo quando as comparo as de alto porte”. (Nietzsche, 1981, p.90)

Esse terceiro sexo é uma palavra assignificante para a sociedade majoritária das identidades de gênero. Para os catálogos e manuais científicos, para os currículos escolares. O pequeno, o menor pode ser levando para a fronteira do devir-mulher, para perto do terceiro sexo. A as mulheres, os homens, as crianças, os famintos, os animais, índios, ciganos, os pequenos. Os menores podem ser os devires que escapam do pensamento majoritário.

6 “A desterritorialização é o movimento pelo qual se deixa o território [*on’ quite le territoire*]” DELEUZE e GUATTARI (1997, p. 634). Dito em outras palavras, a desterritorialização desfaz o que uma territorialização anterior fez. Ela constitui assim uma noção crítica por excelência, constantemente subjacente, para nos atermos a um mesmo registro, a programas como: “desedipianizar o inconsciente” DELEUZE e GUATTARI (1997., p. 97). A desterritorialização é um processo que libera um conteúdo (multiplicidade ou fluxo) de todo código (forma, função ou significação), e o faz correr sobre uma linha de fuga. Há também a desterritorialização “negativa” é a que é “recoberta por um reterritorialização que a compensa tão bem que a linha de fuga fica obstruída”.

Um assignificante: devir-mulher

Nietzsche, talvez, ironizasse em seus aforismos, fragmentos e sentenças dessa relação binária, sexista produzida nas teorias científicas modernas de sexualidade e gênero que já eram muito presentes em sua época. Nesta ironia, percebemos um tom de denuncia, de alerta em relação aos encaminhamentos que os movimentos feministas, sexistas e moralistas estavam se direcionando: sufocando o devir-mulher; a diferença. Mas como estes menores são sempre frágeis, e sua força está em não ser forte, nem masculino, nem fortemente científico.

Assim, o devir é sempre menor, sempre dos pequenos; é inacabado, é desvio. Devir não é encontrar os limites e levantar muros, é desconhecê-los, é entrar numa zona de vizinhança. O devir-mulher é abertura, frágil, pequena saúde, delírio saudável, como o de Kafka⁷ no livro o processo⁸, as personagens em seu texto são funções conectora com assignificante devir-mulher.:

Que com as mãos das mulheres fazem muitas coisas silenciosamente... levar os seus lábios a xícara de café que segurava na mão...Ela que tinha o rosto apoiado em uma de suas mãos...adiantou uma das mãos que segurou K. por um braço... Então, tirando seu relógio do bolsinho...enquanto com as mãos fazia sinais para conter o rumor...Também o seu caderninho...nesse caderninho acusador...caderninho que caíra sobre a mesa...o seguraram pelo braço e uma mão o apertou pelo pescoço...segurando uma das mãos de K....sorriu movendo um pouco sua mão...antes que K. chegasse pegá-los nas mãos...apontando com a mão no estrado, propôs-lhe que se sentasse ali com ela nos degraus...exclamou a mulher, que continuava sentada, voltando a segurar a mão de K....pôs sua mão sobre o K....Acariciou ainda um instante a mão do K...um movimento no vazio como para segurar a mão da mulher... passava a mão no rosto do estudante... batendo com a mão no ombro... Elsa, pedindo-lhe perdão com as mãos postas... um cartãozinho colocado....K. assentiu com movimento de cabeça...Grubach...para ele as mãos postas...apontando com a mão para a porta...movimento de cabeça...mantinha a cabeça extremamente erguida...à qual beijou respeitosamente a mão...mais um risinho que fez ouvir...levar rapidamente a boca na mão na qual acabava de levar uma forte varada...máquina martirizada...a mover a cabeça...procurava com as mãos, suste-se no solo...falar de meu processo...lenta inclinação da cabeça...A moça inclinava ligeiramente a cabeça...fechar-lhe a boca com ambas as mãos...assinalou com a mão no canto escuro da sala...ligeira inclinação de cabeça...quietamente a mão no ombro de K....

Estou conseguindo ajuda da parte de todas as mulheres...com ambas as mãos se atirando sua

7 Franz Kafka, escritor Tcheco, 1883-1924.

8 Obra escrita em 1915. baseado nesta obra foi escrito o texto abaixo que finaliza o artigo.

cabeça para trás..por causa do giro da dança; mantinha as mãos apoiadas no quadris...Leni, defeito físico eu tenho: estendendo os dedos médios e anular da mão direita mostrou um pedaço de pele...Leni segurou-lhe a cabeça...abandonar todo o trabalho nas mãos do advogado...Lhe arrancavam das mãos um processo..K. atrevia-se a apertar a mão de Leni...com movimentos de cabeça...então a cabeça obedecendo a uma ordem...as mãos apoiadas na escrivaninha...uma mão na veneziana...com a cabeça baixa... Para que justiça?...segurando o chapéu em uma das mãos estava ocupado em sacudir dele o pó com a outra...erguendo com ambas as mãos a saia...alisavam com as mãos os aventais... Estas vacalhasinhas... barrinhas de pintura...guardou silêncio....inclinando a cabeça e franzindo o sobrolho...puderam-se ver as mãos estendidas e juntas das jovens em atitude suplicante...Erguendo a cabeça...procuras demais o auxílio alheio. E especialmente o das mulheres....baixando a cabeça...elevou a mão e separou todos os dedos...

Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOGEL, Gilvan. Apresentação. In: NIETZSCHE, Friedrich. Vontade de poder. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.

MARCONDES, Danilo. e JAPIASSÚ. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. Ecco Homo. Porto Alegre: L&PM, 2003.

_____. Vontade de poder. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.

_____. Gaia ciência. São Paulo: Hemus, 1981.

ROLNIK, Sueli; GUATTARI, Félix. *Micropolítica*. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1989.

ⁱ Professoras do Centro de Filosofia e Educação no Curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul –RS; ; colaboradora permanente do Observatório de Educação, Infâncias e Juventudes na linha de pesquisa Escrita, Escritura e Pedagogia da Diferença. E-mails: srlmatos@bol.com.br e inesbkrahe@hormail.com